

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA CITÂNIA DE BRITEIROS. 32.^a CAMPANHA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1968 | Número: 78

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Escavações Arqueológicas na Citânia de Briteiros. 32.^a campanha. *Revista de Guimarães*, 78 (3-4) Jul.-Dez. 1968, p. 291-296.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Escavações arqueológicas na Citânia de Briteiros

(32.^a Campanha)

Por MÁRIO CARDOZO

Durante o período decorrido de 8 a 29 de Julho deste ano, realizámos na Citânia de Briteiros, com autorização da Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes e subsidiados pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, uma nova campanha de escavações arqueológicas, a 32.^a a partir das pesquisas que ali iniciámos em 1929, trinta anos após a morte de Martins Sarmiento, que foi o primeiro investigador a explorar aquelas notáveis ruínas.

Nessas três décadas esteve a Citânia totalmente abandonada e amortalhada sob um matagal que foi crescendo, e a pouco e pouco a foi cobrindo, ficando assim, pela incúria de uns e pela ignorância de outros, à mercê dos vandalismos e destruições que o povo rude e inculto das aldeias vizinhas constantemente lhe causava.

Podemos portanto afirmar que só em 1929 teve lugar o renascimento e continuação das escavações que nesta antiga cidade da Lusitânia proto-histórica Martins Sarmiento havia realizado a partir de Julho de 1875, durante nove anos consecutivos de trabalhos.

Nestas 32 Campanhas da nova série de escavações pós-sarmentinas que ali levamos a cabo, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais contribuiu sempre com os indispensáveis subsídios de ordem económica para a sua realização, auxílio que Martins

Sarmento nunca logrou, pois sempre as escavações dispendiosas que realizou foram feitas a expensas suas, naquele tempo em que o Estado se desinteressava inteiramente da conservação dos monumentos históricos do nosso longínquo passado.

Últimamente, porém, haviam já decorrido quatro anos sem que a Citânia de Briteiros tivesse sido contemplada com qualquer verba para escavações, pois as últimas pesquisas ali efectuadas tiveram lugar em Setembro de 1964.

Contribuiu o Estado no corrente ano com 10.000\$00 escudos que permitiram a realização de trabalhos de conservação e de limpeza da vegetação daninha, que neste último período de quatro anos já estava a prejudicar sensivelmente a visibilidade das ruínas e a segurança das construções postas a descoberto em campanhas anteriores.

Mas, além destas obras de simples beneficiação, efectuou-se também uma pequena pesquisa nos terrenos juntos à capela de S. Romão.

Trabalharam na Citânia 16 mulheres (jornaleiras), um grupo no corte dos matos, outro na escavação, crivagem das terras e sua remoção para fora do perímetro das ruínas; e dois homens (pedreiros), na reparação dos estragos ocorridos em algumas das construções, causados naturalmente pelas intempéries, no decorrer dos anos, mas também pelas malfetorias praticadas por visitantes indesejáveis, pouco educados e sem um mínimo de cultura necessária para respeitarem estes testemunhos materiais das nossas remotas origens.

A verba concedida pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, acrescida de uma quota parte com que a Sociedade Martins Sarmento contribuiu também, cobriu a despesa efectuada em 19 dias úteis de trabalho, que foram bem aproveitados, pois todo o período decorreu com bom tempo de sol.

Os últimos três dias de trabalho foram dedicados à limpeza das ruínas do Castro de Sabroso, situado a pequena distância da Citânia, onde o terreno estava

completamente infestado do arbusto vulgarmente conhecido pelo nome de mimosa (*acacia decurrens*, Willd.), que ali prolifera e é muito difícil de extinguir, a não ser por meio da esterilização do solo com qualquer produto químico apropriado.

A ligeira escavação na Citânia efectuou-se nos terrenos dos lados Norte e Sul da capela de S. Romão (*Fig. 6*), na área do pequeno planalto da parte superior do monte (ponto trigonométrico de cota 336), mas infelizmente foi pouco frutuosa. Certamente porque, na data da construção dessa capela, em 1853, se teriam removido dali todos os restos das antigas construções citanienses, aproveitando-se naturalmente a pedra para a nova edificação do pequeno templo cristão, e formando-se em volta dele um terreiro utilizado como adro e lugar onde se efectuava o arraial da romaria, na festividade do mês de Agosto, que há bastantes anos caiu em desuso, encontrando-se actualmente o interior da capela em estado de completa ruína.

Contudo, ainda surgiram do subsolo, a pouca profundidade, alguns restos de muros e pavimentos lajeados, e, na crivagem das terras removidas, recolheram-se os seguintes objectos, que deram entrada nas colecções do Museu da Sociedade Martins Sarmento:

Cerâmica

Apareceram, como é vulgar, numerosos fragmentos dispersos, que não permitiram a reconstituição de qualquer vasilha, formados geralmente de pasta grosseira, micêcea, impregnada de grânulos de quartzo, por certo olaria de fabrico indígena (*Fig. 1*), outra um pouco mais fina e ornamentada (*Fig. 2*). Recolheu-se também um pequeno cossoiro (*Fig. 2, n.º 2*), um fragmento de lucerna (*Fig. 2, n.º 10*) e uma asa de ânfora vinária (*Fig. 1, n.º 5*).

Pedra

Um dos conhecidos pesos de redes de pesca; tem a forma de um seixo alongado, com chanfros laterais (*Fig. 2, n.º 9*), e fragmentos de um placa quadrangular de xisto ardósífero (*Fig. 2, n.º 4*).

Metal

Um pequeno objecto de bronze, ovalado, apresentando num dos topos uma cavidade quadrangular. Parece ser parte de um brinco ou de um pingente de colar (*Fig. 3, n.º 2*).

Um disco de bronze muito oxidado, de 15 mm de diâmetro, que estava engastado num aro fino, de prata (*Fig. 3, n.º 1*).

Duas moedas de prata (*denários*) perfeitamente conservadas. Uma delas do tempo da República Romana, da Gens Aemilia, cunhada pelo monetário *Marcus Aemilius Scaurus*, do ano 696, ou seja ano 58 a. C., moeda que mais tarde foi mandada cunhar novamente por Trajano, e cuja descrição é a seguinte (*Fig. 4*):

Avv. M.SCAVR (Marcus Scaurus)

No exergo: AED.CUR (Aedilis curulis)

No campo: EX.S.C. (Ex Senatus consulto)

O rei Aretas⁽¹⁾, de joelhos, à direita, numa atitude suplicante, tendo na mão um ramo de oliveira, e junto a um camelo, que segura pelo cabresto.

(1) *Aretas* é um nome comum a vários reis nabateus, da Arábia Petraea, cuja capital era *Petra*, hoje as ruínas de Wadi Musa. A autonomia desse reino cessou de existir no tempo de Trajano, sendo o território anexado à Palestina Tertia. O mais conhecido destes reis foi Aretas II, que em 84 a. C. se intitulou rei de Damasco e chegou a ameaçar Jerusalém.

Rev. P.HVPSAE.AED.CVR (*Publius Hypsaenus aedilis curulis*)

No exergo: C.HVPSAE.COS.PREIVE

No campo: CAPTV (*Caius Hypsaenus consul Preivernum captum*)

Júpiter, numa quadriga ao passo, à esquerda, lançando o raio. Sob as patas dos cavalos um escorpião.

Bibliografia: E. Babelon, *Monnaies de la République Romaine*, Paris 1885, tomo I, p. 119-120.

A outra moeda argêntea é um denário do tempo do Império, do reinado de Tibério, ano 15 de J. C. A sua descrição é como segue (*Fig. 5*):

Anv. TI.CAESAR.DIVI.AVG.F.AVGVSTVS
Cabeça imperatória laureada, à direita.

Rev. PONTIF MAXIM
Lívia, representando a Paz, sentada, à direita, segurando um ramo na mão esquerda, e com a direita apoiada numa lança ou simples haste.

Bibliografia: H. Cohen, *Description historique des monnaies frappées sous l'Empire Romain, communément appelées médailles impériales*, Paris-Londres, 1880, Tomo I, 2.^a ed.

Estes dois numismas marcam os limites de um período de 73 anos, decorrido entre a segunda metade do século I a. C. e os começos do século I p. C., dentro portanto da plena ocupação romana dos castros da Cultura do Noroeste da Península.

Não devemos terminar este breve relatório respeitante à ligeira exploração efectuada no corrente ano na Citânia de Briteiros, sem manifestarmos o nosso agradecimento aos Srs. Engenheiro da Câmara Muni-

cipal de Guimarães, José Maria Gomes Alves e Dr. Manuel Bernardino de Araújo Abreu, Professor da Escola Técnica, pessoas cultas e vivamente interessadas nos estudos arqueológicos, que nos prestaram bom auxílio na fiscalização dos trabalhos de pesquisa, a que assistiram alguns dos alunos daquele Professor.

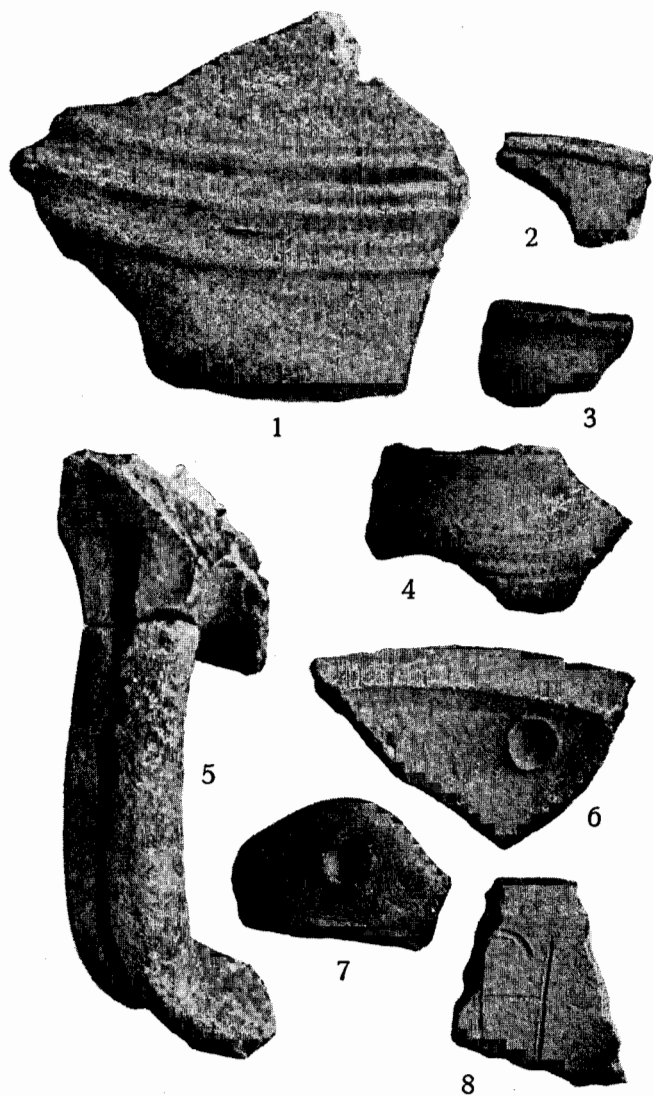


Fig. 1 — Fragmentos cerâmicos procedentes da Citânia de Briteiros (Campanha de escavações de 1968).

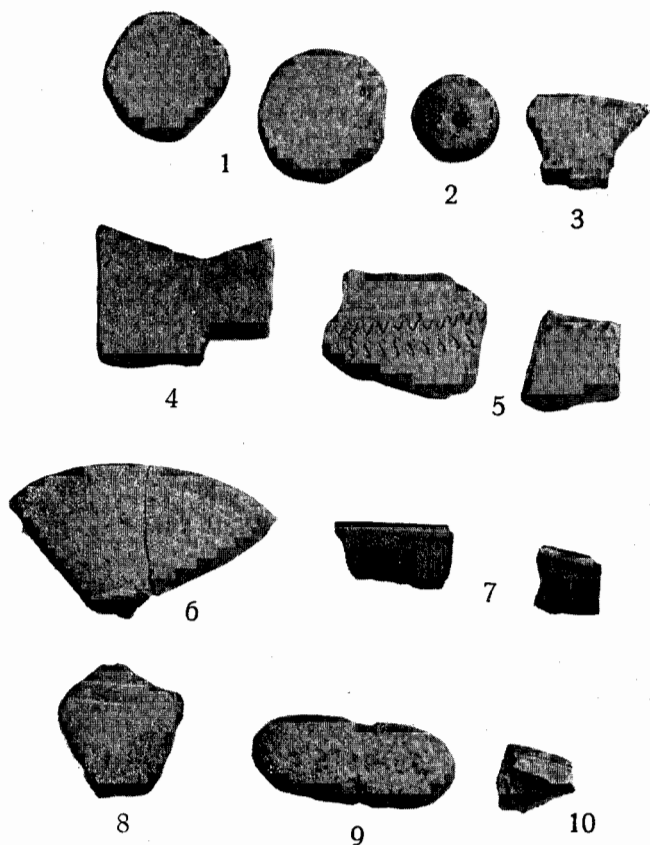


Fig. 2 — Cerâmica da Citânia de Briteiros (Campanha de 1968).



Fig. 3 — Objectos de metal procedentes da Citânia (1968).



Fig. 4 — Moeda encontrada na Citânia (Escavação de 1968).
Ampliação ao dobro do tam. nat.



Fig. 5 — Moeda encontrada na Citânia (Escavação de 1968).
Ampliação ao dobro do tam. nat.

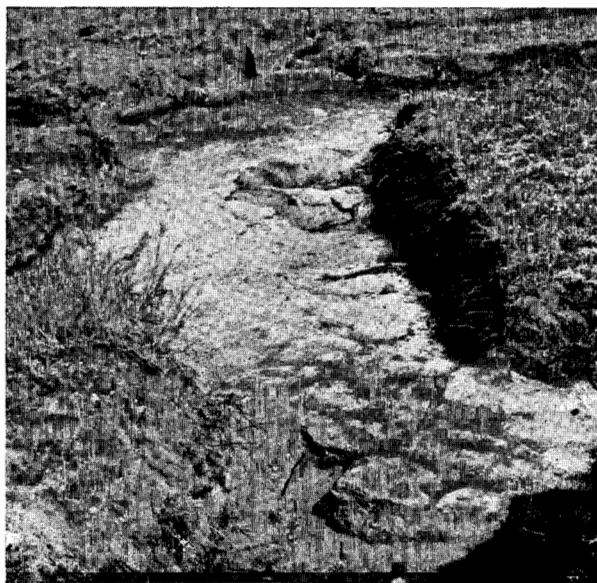


Fig. 6 — Citânia de Briteiros (Escavação de 1968).
Parte de um pavimento lajeado.